

6.3 A voz do trabalhador

6.3.1 Condições da entrevista

O público alvo desta pesquisa foram os serventes, carpinteiros e, em menor escala, os armadores, profissionais que montam o escoramento de lajes para concreto. Os trabalhadores foram entrevistados em seu local de trabalho, ou seja, a montagem e desmontagem de formas. O período da entrevista ocorreu entre agosto e novembro de 2000. Foram entrevistados 62 trabalhadores em 3 obras localizadas na Gávea, Jardim Botânico e Botafogo, bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro. O questionário aplicado poderá ser visto no anexo 3.

6.3.2 Características da população entrevistada

Dos trabalhadores entrevistados, 100% era do sexo masculino, com idade dominante de 30 a 39 anos, com 29,0%. 25,8% situaram-se na faixa de 21 a 29 anos. Empatados com 17,7% ficaram as faixas de idade de 40 a 49 anos e 50anos em diante, sendo que a maior idade encontrada na população da entrevista foi 67 anos. Os dados podem ser vistos no gráfico 1.

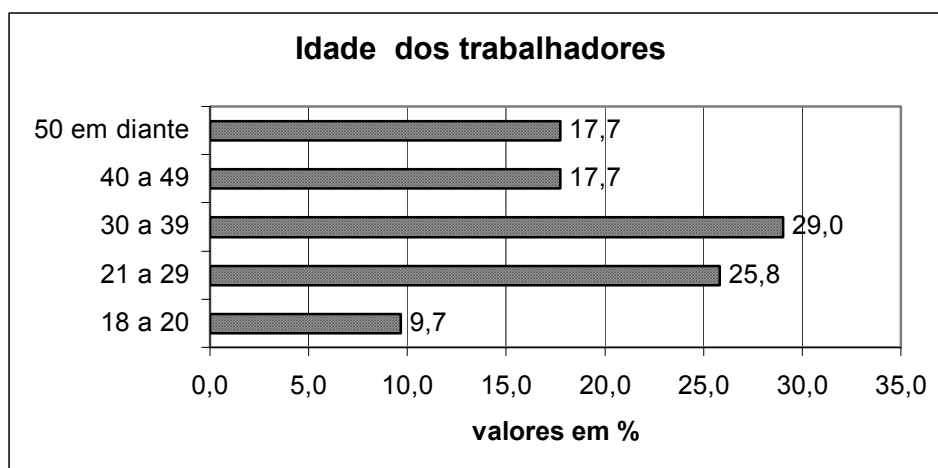


Gráfico 1 – idade da população entrevistada

A maioria, 53,2% lê e escreve com dificuldade, seguidos de 82,3% que cursou o 1º grau, porém incompleto. Em terceiro ficaram os analfabetos com 17,7%. O restante, 19,4%, lê e escreve com dificuldade, conforme mostra o gráfico 2.

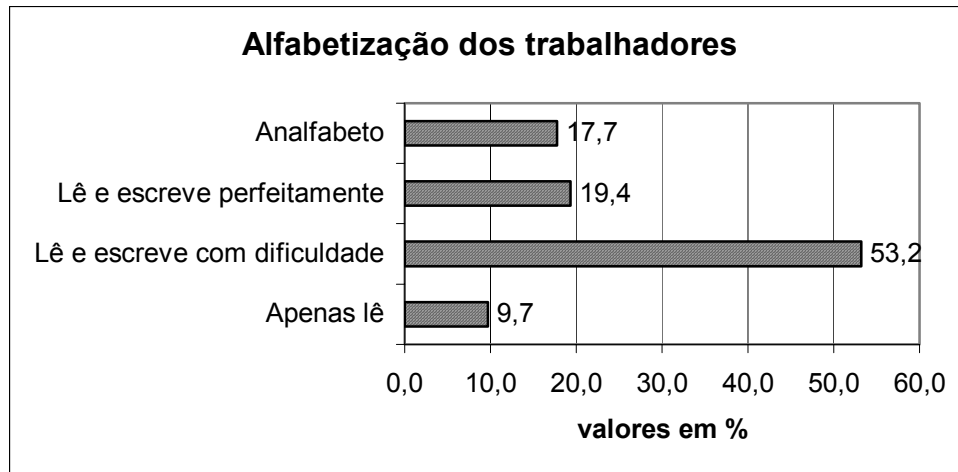


Gráfico 2 – Grau de alfabetização dos entrevistados

Quanto a naturalidade, a maioria, 46,8%, nasceu no estado da Paraíba, seguido de 14,5% do Ceará e do Piauí vieram 11,3% (gráfico 3).

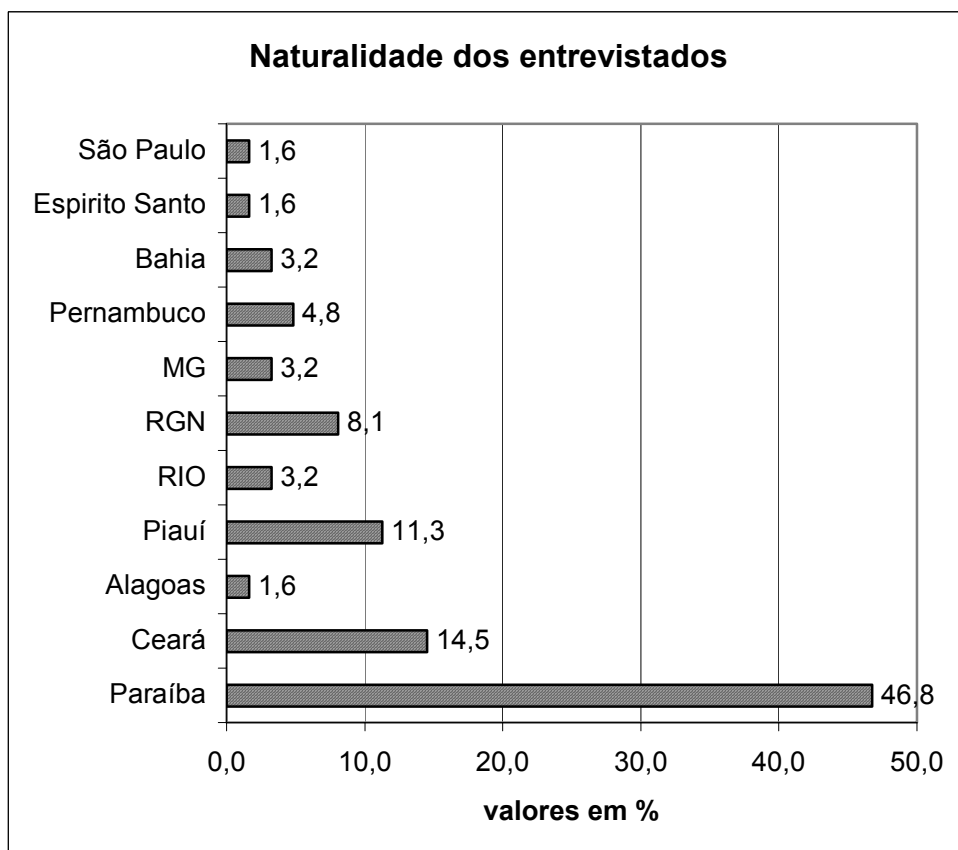


Gráfico 3 – Naturalidade do entrevistado

Os trabalhadores que nasceram em outro estado e vieram para o Rio de Janeiro, situaram-se na faixa de 0 a 18, com 35,5%. Na faixa de 21 a 29 anos, 30,6% e na faixa de 19 a 20 anos, 25,8%, de acordo com o gráfico 4.

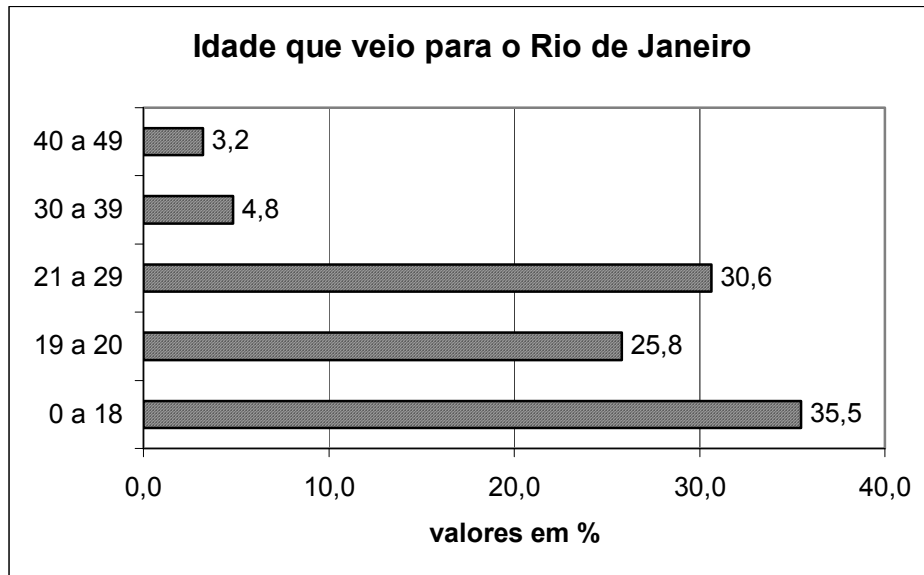


Gráfico 4 – Idade em que os trabalhadores vieram para o estado do Rio de Janeiro

Em relação as razões que trouxeram o trabalhador à este estado, a busca de emprego, com 82,3% foi a maior causa, em segundo, com 11,3%, são os que vieram acompanhados da família, ainda jovens (ver gráfico 5).

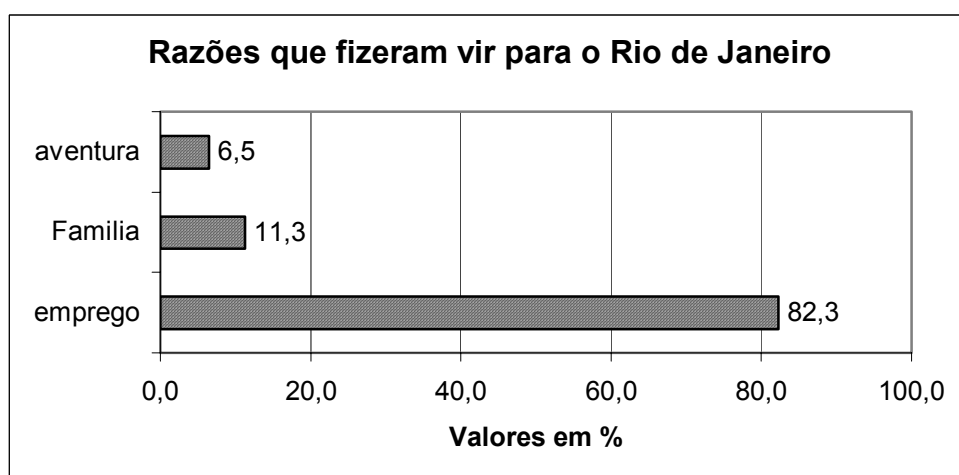


Gráfico 5 – Razões que fizeram o trabalhador vir para o estado do Rio de Janeiro.

Quando a moradia, como mostra o gráfico 6, possuem casa própria a maioria dos trabalhadores, com 35,5%. Moram em casa alugada 25,8%. No canteiro de obras

moram 22,6%. O restante, 12,9% mora com a família e 3,2% divide a casa com outro companheiro.

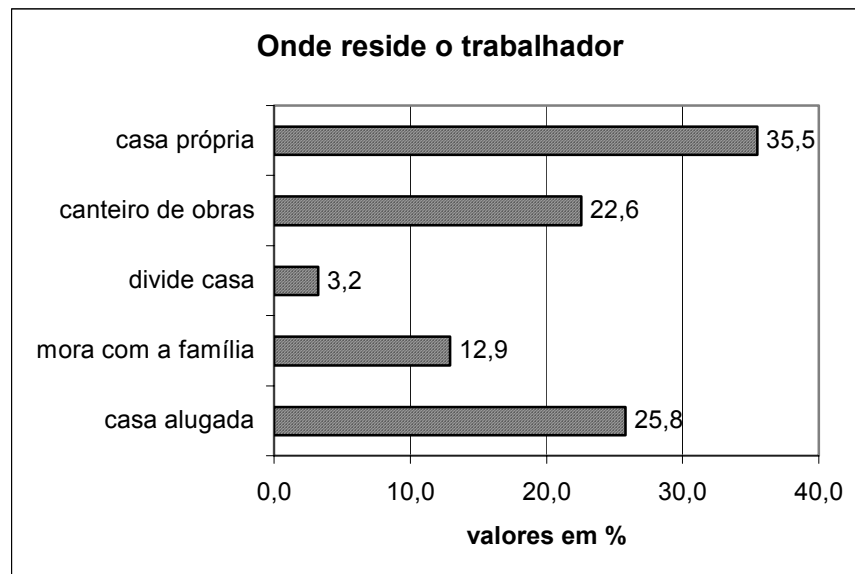


Gráfico 6 – Local onde reside o trabalhador entrevistado.

Os trabalhadores que não residem no canteiro de obras levam mais de 1 hora (72,6%) para ir de casa para o local trabalho. 26,7% levam 1 hora, e 22,2% mais de duas horas. 17,8% leva menos de 1 hora para chegar ao trabalho.

O meio de transporte mais utilizado pelos trabalhadores que não residem no canteiro de obras é o ônibus, com 72,6%, seguidos de 8,1%, que utiliza metrô. 3,2% vai ao trabalho com automóvel próprio e 1,6% utiliza trem.

6.3.3 Profissão do trabalhador

Dos trabalhadores entrevistados, 75,8% eram carpinteiros, seguidos de 21% serventes e, em mínima escala, encarregado e armador, ambos com 1,6% (ver gráfico 7).

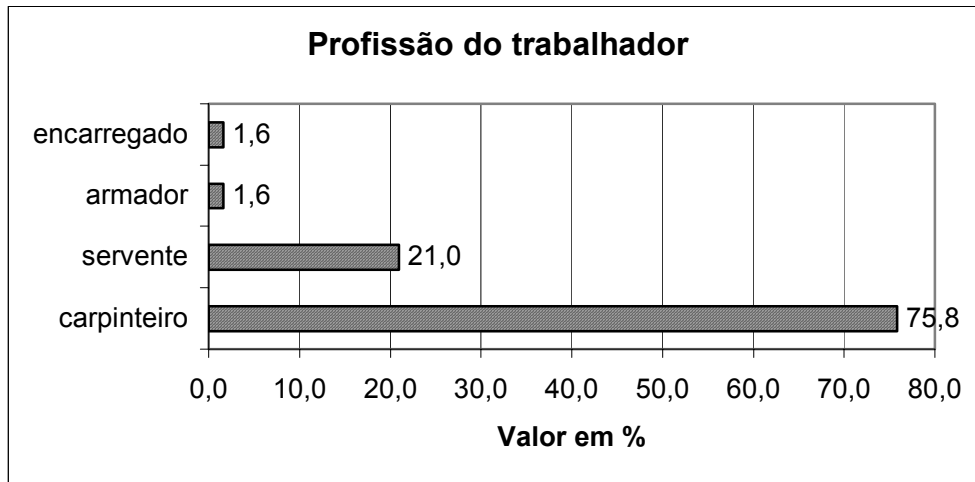


Gráfico 7 – Profissão do trabalhador entrevistado.

Destes trabalhadores, 25,8% atua na construção civil, na faixa de 21 a 30 anos, seguidos de 24,2% que está na faixa de 11 a 20 anos, e de 6 a 10 anos, com 14,5%. De 3 a 5 e de 1 a 2 anos, estão ambos com 11,3%. Com 31 anos em diante, estão 6,5% (ver gráfico 8).

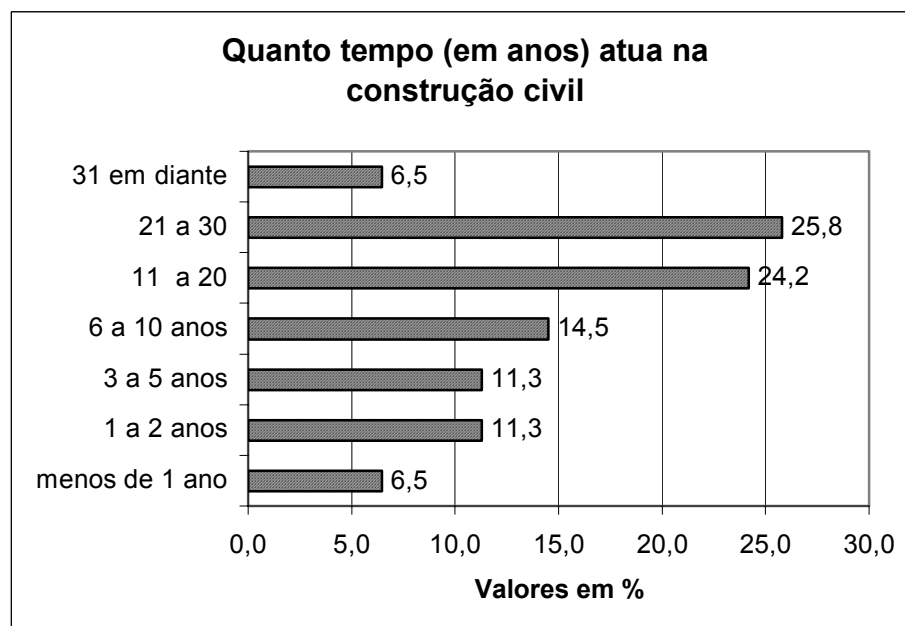


Gráfico 8 – Quanto tempo o trabalhador atua na construção civil.

Na atual construtora, como se vê no gráfico 9, 48,4% trabalha há menos de 1 ano. 19,4% situa-se na faixa de 1 a 2 anos, seguido de 11,3% na faixa de 6 a 10 anos. Este fato constata a alta rotatividade neste setor da construção civil.

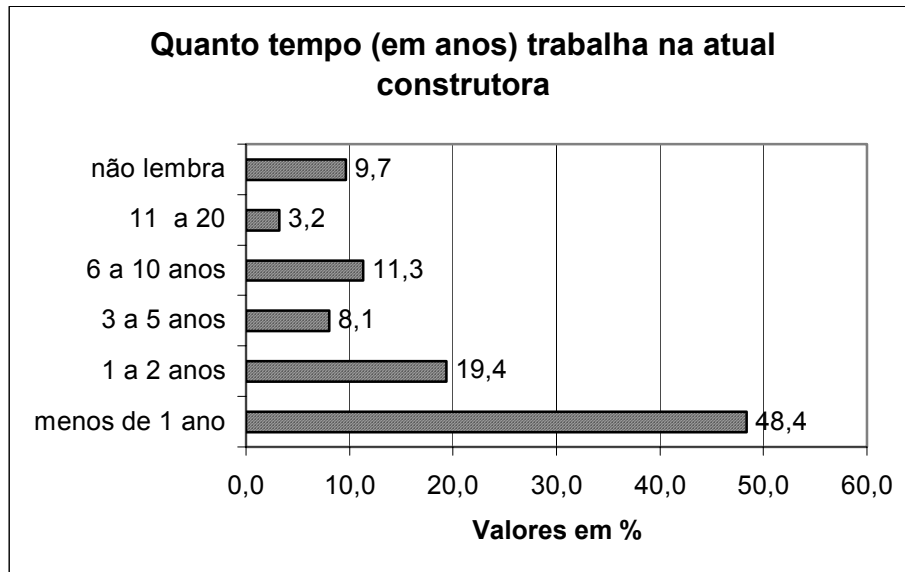


Gráfico 9 – Tempo em anos que o entrevistado trabalha na atual construtora.

6.3.4 Função do trabalhador na obra

Não importando qual seja a profissão do trabalhador, em 80,6% dos casos ele participa de todas as etapas de montagem e desmontagem do equipamento de escoramento da laje de concreto, manuseando andaimes, escoras e vigas metálicas (gráfico 10). Quando as formas de madeira, somente os carpinteiros a executam. Mas estes como foi visto no gráfico 7, são a maioria dos trabalhadores nesta área, com 75,8% do total.

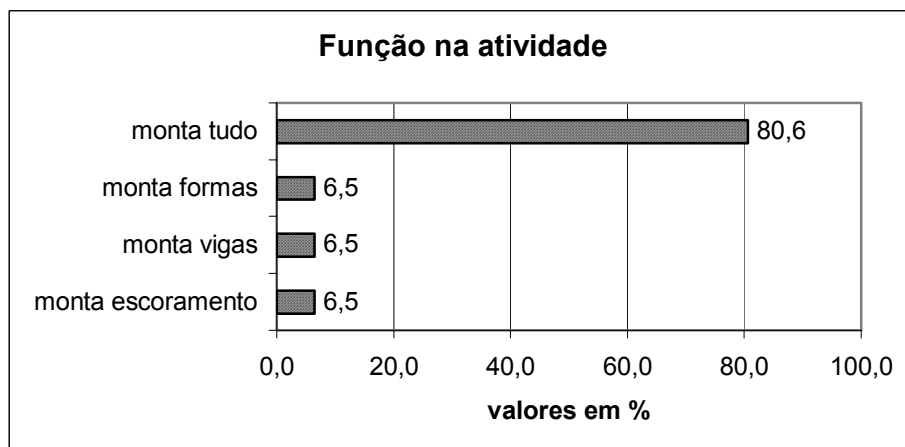


Gráfico 10 – O que faz o trabalhador entrevistado na obra predial.

Para a execução da montagem do equipamento de escoramento, 100% utiliza a própria estrutura metálica como escada para atingir as partes mais altas da estrutura, e lá montar os equipamentos de formagem como as vigas metálicas e os painéis de forma de laje.

A montagem de todo o escoramento é feita 100% manualmente e não existem guias ou guindastes para auxiliar esta etapa da construção.

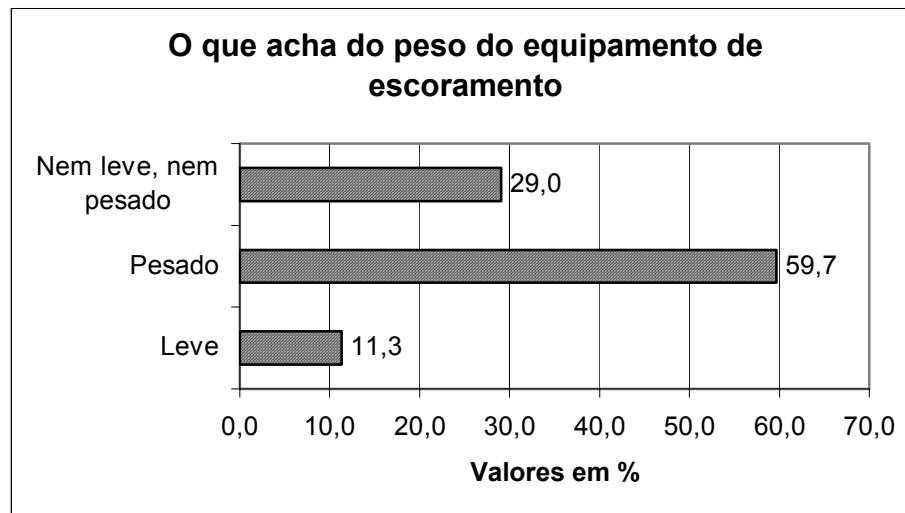


Gráfico 11 – O que o trabalhador acha do peso do equipamento de escoramento.

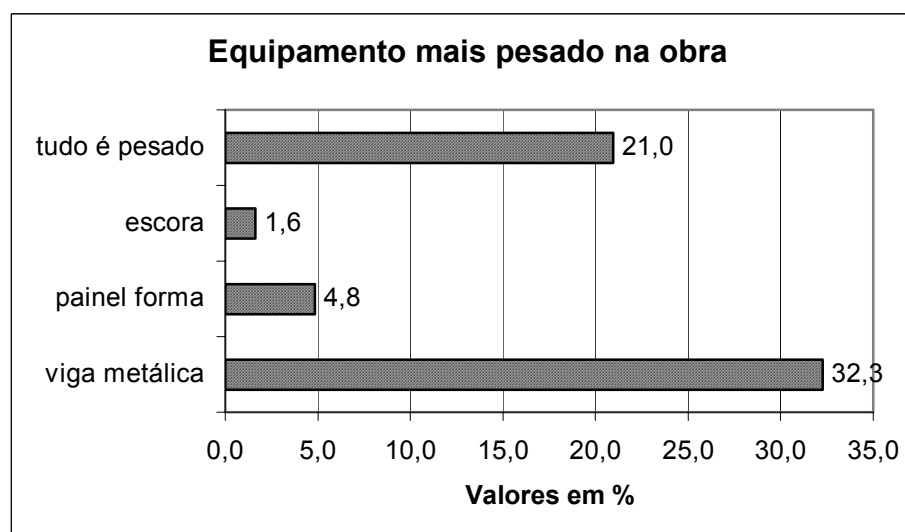


Gráfico 12 – Equipamento que o trabalhador achou mais pesado na obra.

Quando indagados sobre o peso do equipamento, 59,7% dos trabalhadores o classificaram como pesado. 11,3% achou que o equipamento é leve e 29% não acha leve nem pesado (ver gráfico 11).

Dos que acharam o equipamento pesado, 32,3% elegeram as vigas metálicas (chamadas na obra de longarina) – responsáveis por suportar o peso da laje concretada - o equipamento mais pesado. 21% achou que todos os equipamentos são pesados demais, seguidos de 4,8% que acharam o painel de forma de laje (chapa de compensado) muito pesado (gráfico 12).

Do público entrevistado, 75,8% trabalha em regime de horas extras ocasionalmente – geralmente na fase de concretagem, quando não há como parar até que todo conteúdo da betoneira (caminhão que transporta concreto) seja despejado nas formas -, seguidos de 17,7% que faz horas extras diariamente.

Quanto ao regime de horas extras, 38,3% trabalha 1 hora a mais após o expediente, seguidos de 29,8% com 2 horas e 14,9% que trabalha 3 horas. 8,5% trabalha 4 horas e 4,3% trabalha 5 horas (ver gráfico 13).

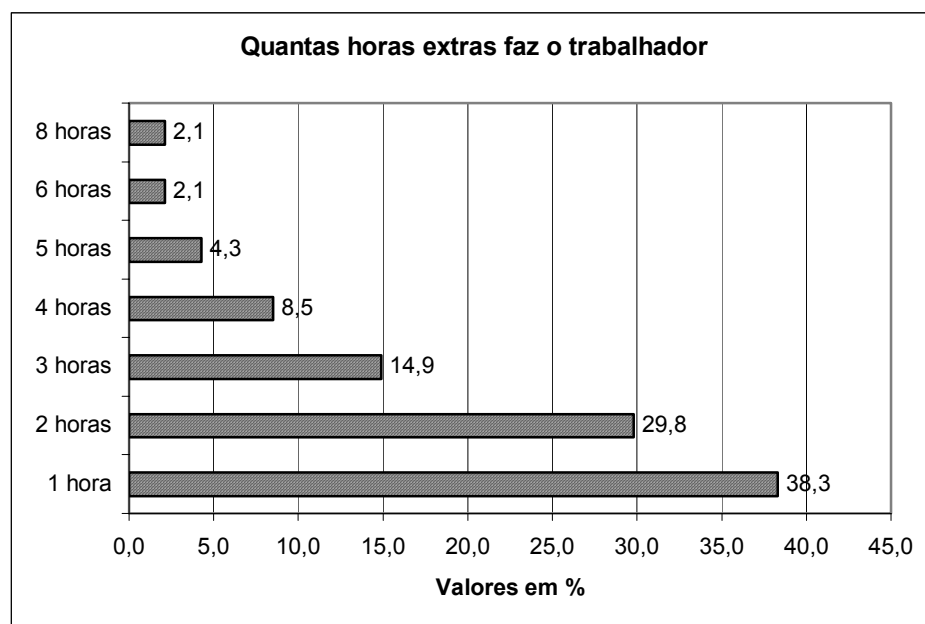


Gráfico 13 – Quantidade de horas extras que o trabalhador da construção civil faz.

6.3.5 Dados das construtoras

As três construtoras onde se realizaram as entrevistas eram de médio porte.

Nenhuma das três obras possuía grua (guindaste) para elevação de carga para auxílio no transporte. Em conversa informal com os engenheiros responsáveis, foi obtida a informação de que a ausência de gruas não é uma questão de economia: para monta-las deve-se ter muito espaço ao redor do prédio para que a estrutura da própria grua não atinja os prédios vizinhos e para que os caminhões com equipamento fiquem do lado de fora da construção para a descarga. Além disto há a necessidade de segurança para os transeuntes. Portanto, nas obras visitadas, os prédios vizinhos faziam fronteira em todos os lados do terreno, impedindo a montagem do aparato. Como se pode ver, as características geográficas contribuem para piorar as condições de trabalho.

Entretanto, todas as três obras possuíam um elevador somente para carga e outro para transporte de passageiros.

Nenhuma das três construtoras possuía algum tipo de máquina ou apetrecho para auxiliar a montagem do equipamento de escoramento. A tarefa é feita praticamente de forma artesanal, como pôde ser observado no local. Alguns componentes de formas são cortados e pré-montados no andar térreo da construção e enviados no elevador até o local da montagem.

Com relação a segurança, a proteção individual é feita por meio de EPI's, sendo que 100% das construtoras forneciam todos os equipamentos necessários, como cinto de segurança (torácico), capacete, bota, protetor auricular e óculos de segurança. Mas, como observado no local, 100% dos trabalhadores só utiliza capacete, bota, e luva. Os supervisores de segurança comentaram que outros EPI's só são utilizados quando desempenhada uma tarefa que os exija, como os cintos de segurança, que são utilizados quando se trabalha na periferia do prédio. Quanto as luvas, conforme

conversa informal com os carpinteiros, não são utilizadas em tempo integral por prejudicar o tato e o manuseio de peças pequenas, como pregos.

6.3.6 Histórico médico

Dos trabalhadores entrevistados, 90,3% afirmaram nunca ter tido nenhum tipo de problema de saúde ou acidente antes de ingressarem na construção civil. Entretanto, 9,7% já portava problemas antes da atual profissão.

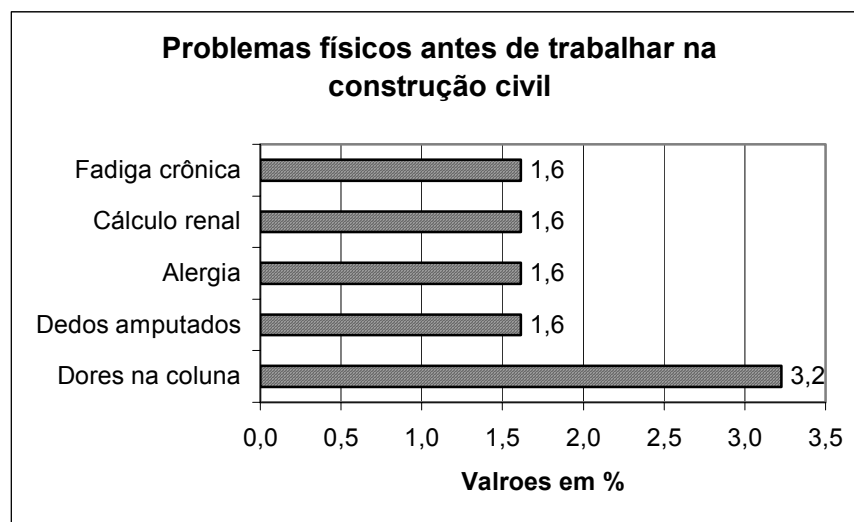


Gráfico 14 – Problemas físicos existentes antes de ingressar na construção civil.

Dentre os problemas de saúde relatados, as dores na coluna (ver gráfico 14) foram as fontes de maior reclamação, com 3,2%, seguidas de amputação de dedos das mãos, alergia, cálculo renal e fadiga crônica, todas com 1,6% dos entrevistados.

8,1% disse que estes problemas de saúde não incomodavam e 1,6% disse que incomoda pouco.

6.3.7 Problemas físicos causados pela atividade na construção civil

Dos trabalhadores entrevistados, 19,4% passou a ter problemas de saúde após o ingresso na construção civil, na atual função. As reclamações relatadas acusaram as dores na coluna, com 11,3%, em primeiro lugar. Seguida de hérnia de disco e

tendinite, 3,2%, como a maior ocorrência (ver gráfico 15). Um dos trabalhadores entrevistados já havia sofrido duas intervenções cirúrgicas para hérnia e ainda continuava na atividade. O trabalhador em questão tinha 67 anos.

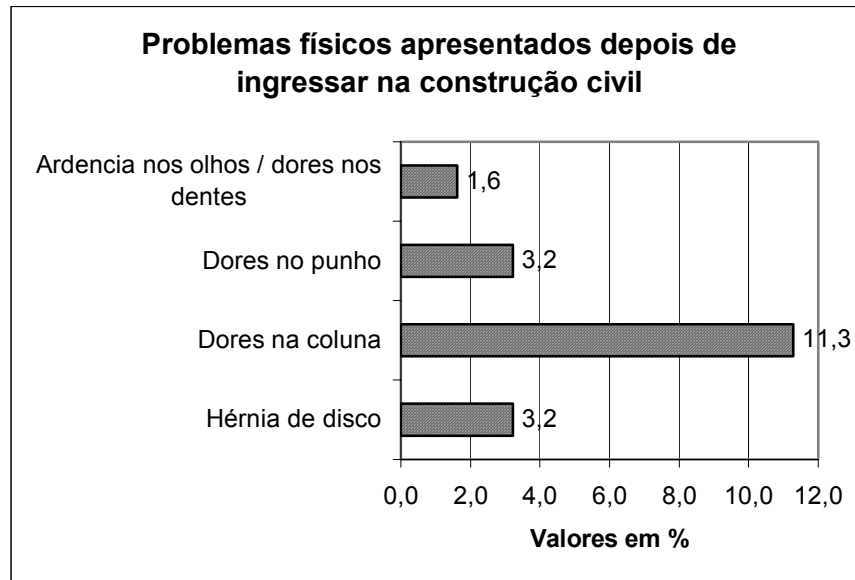


Gráfico 15 – Problemas físicos apresentados após o ingresso do trabalhador na atividade da construção civil.

Entretanto, há divergências nas informações fornecidas pelos trabalhadores, como poderá ser visto no item 6.3.13, no quadro de desconforto postural. As informações se alteram, com números e danos físicos bem maiores do que acusado neste item. Uma possível razão para esta divergência, pode ser o medo de se afirmar portador de algum dano físico e isto contribuir, de alguma maneira, para comprometer seu emprego.

Outra fonte de reclamação, surgiu de um mestre de obras, com 1,6% do total. Sua reclamação foi ardência nos olhos e dores seguidas de amolecimento dos dentes. Em conversa informal este mestre afirmou que boa parte dos trabalhadores das obras sofria deste dois males. Ao conversar com outros trabalhadores, também informalmente, já sem os questionários em punho, alguns confirmaram sentir os mesmos sintomas.

Para descobrir as causas, foram consultados uma Odontóloga e dois Médicos: a Doutora Maria do Socorro Lima (RJ), Dentista; o Doutor Cláudio César Rosolen,

Médico do Trabalho (SP) e a Doutora Maria Auxiliadora Sartório Valiate (SP), Pediatra e Diretora de Unidade Básica de Saúde. As informações fornecidas pelos três profissionais foram idênticas. Quanto à ardência nos olhos, os fatores podem ser dois combinados: a irritação por meio da incidência da luz solar, visto que os trabalhadores sempre atuam na parte mais alta da edificação, portanto, expostos ao sol durante todo o dia; em segundo, a sujeira depositada nas mãos, já que freqüentemente os trabalhadores retiram as luvas e esfregam as mãos nos olhos para coçar ou remover o suor.

Quanto as dores nos dentes, existem duas possibilidades, que são: em primeiro, a Periodontite, um afrouxamento gradual dos dentes seguido de dores, causado por falta de higiene bucal, que deve ser feita por meio de escovação. A segunda hipótese é uma doença chamada Escorbuto, que é a carência de vitamina C no organismo, causando os mesmos sintomas. Em outra conversa informal, os médicos citaram como causa mais comum de carência de vitamina C a má alimentação ou ingestão de bebidas alcoólicas. Segundo os médicos, o álcool dificulta a absorção desta vitamina no organismo, causando um quadro de carência. Embora não haja dados oficiais, a ingestão de álcool por parte dos trabalhadores funciona como inibidor de apetite e, em dias frios, é ingerido para “aquecer” o corpo.

6.3.8 Acidentes sofridos pelos trabalhadores da construção civil

Dos trabalhadores entrevistados, 45,2% afirma nunca ter sofrido nenhum tipo de acidente na atual atividade. Já 54,8% sofreu pelo menos um tipo de acidente. Destes, 27,4% sofreu somente um acidente, 17,7% sofreu mais de um acidente e 9,7% sofreu vários acidentes (gráfico 16).

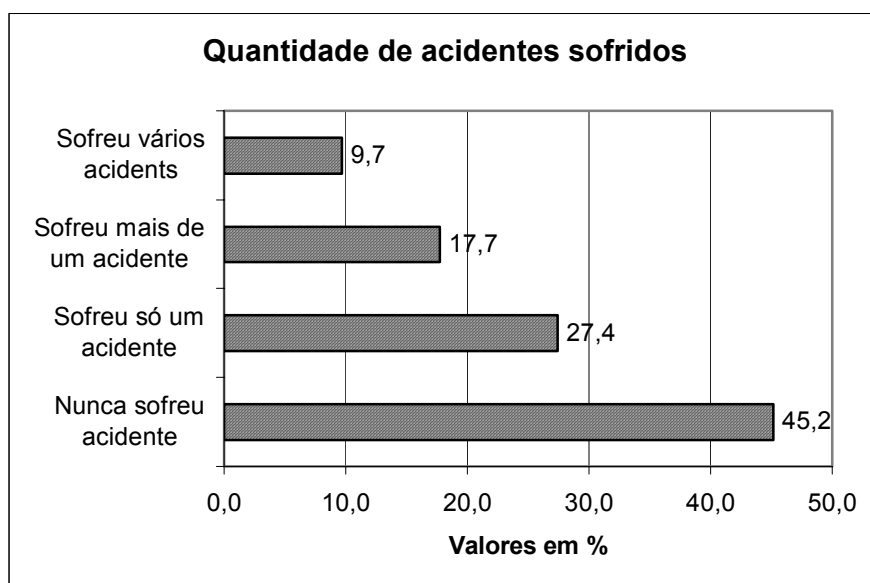


Gráfico 16 – Quantidade de acidentes sofridos pelos trabalhadores entrevistados.

6.3.9 Tipos de acidentes sofridos pelos trabalhadores

Os acidentes mais ocorridos na atividade, com 16,1%, foram causados por furos ou cortes superficiais causados por pregos. Na forma mais convencional, a fixação dos painéis de forma de madeira é inteiramente feita por pregos, daí a maior incidência deste tipo de ferimento.

Em segundo lugar, os acidentes e ferimentos causados pelo equipamento de escoramento, com 12,9%, sendo que a queda sobre o corpo, com 11,3% foi a mais comum, seguida de esmagamento de membros em seu uso, com 1,6% (ver gráfico 17). Como pôde ser observado durante a filmagem da tarefa, a queda de equipamento sobre o corpo é algo rotineiro na montagem e desmontagem do equipamento. Como visto, enquanto o trabalhador ajustava uma escora em um lado da viga, as outras escoras ficaram frouxas e tombaram todas, como um jogo de dominó.

Os equipamentos causadores dos ferimentos foram as vigas metálicas, com 6,5%, as maiores causadoras de acidentes, seguidas pelas escoras metálicas, com 4,8% e os painéis de forma (madeira compensada) com 1,6% (ver gráfico 18).

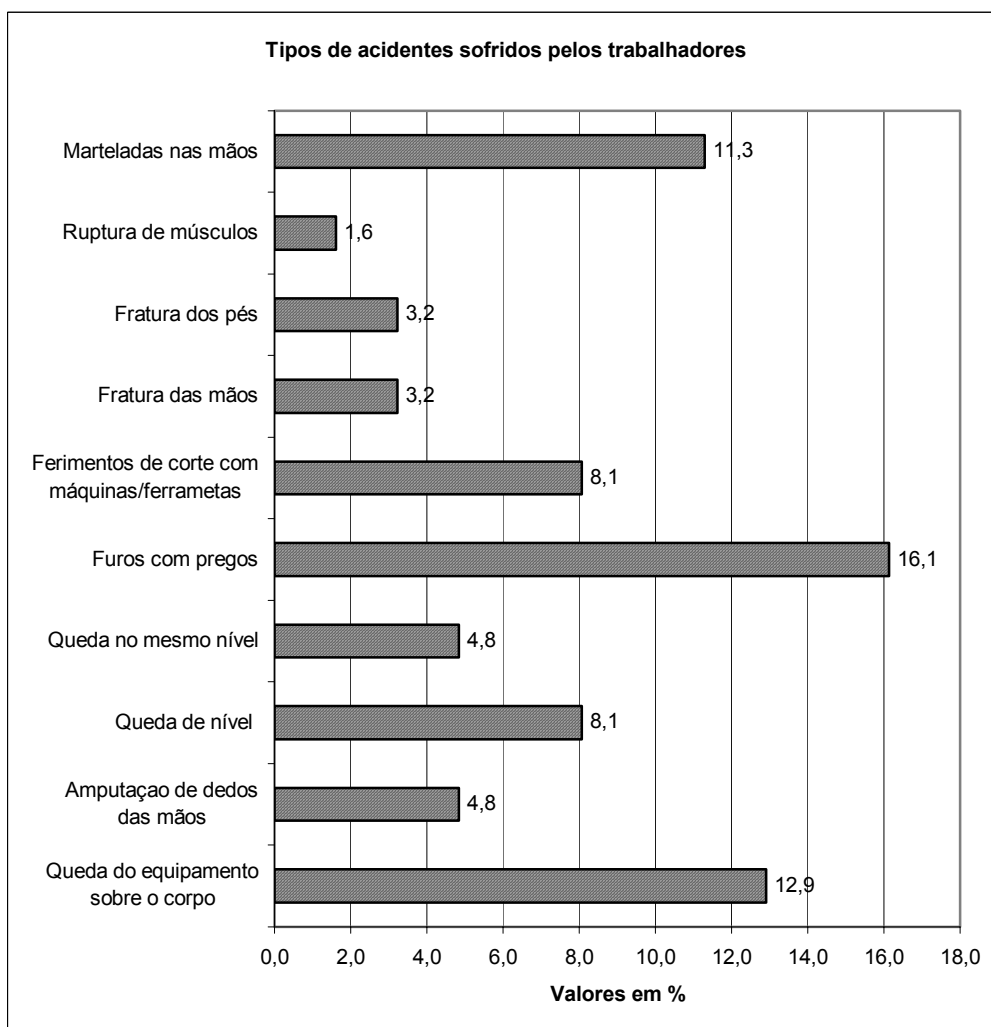


Gráfico 17 – Tipos de acidentes/lesões sofridos pelos trabalhadores entrevistados.

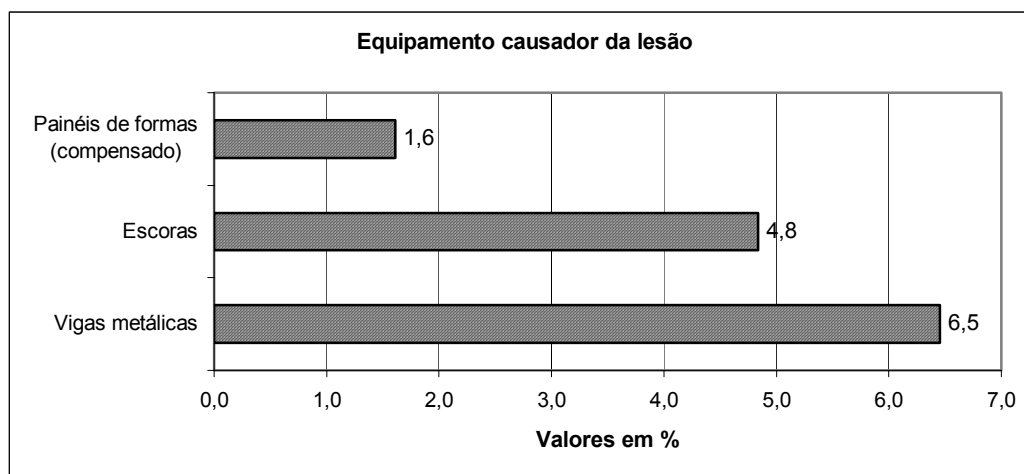


Gráfico 18 – Equipamento responsável pelo acidente / lesão do trabalhador.

Quanto aos outros ferimentos, com 11,3% as pancadas na mão por uso de martelo, ficaram em terceiro. Os outros ferimentos foram causados por queda de nível (entre lajes), ferimentos com máquinas e ferramentas, cada um com 8,1%.

A amputação de dedos das mãos e queda no mesmo nível, ficaram ambas com 4,8%, enquanto ruptura de músculos com 1,6%. Quanto a esta ocorrência de ruptura de músculos, cabe salientar que um trabalhador sofreu rompimento de ambos os bíceps por excesso de esforço para carregar equipamentos.

É pertinente comentar que um dos trabalhadores, o mais velho, com 67 anos, apresentou um histórico médico assustador: antes de trabalhar na construção civil ganhava a vida como vaqueiro. Nesta atividade amputou dois dedos da mão direita ao laçar um boi. Ainda jovem começou a sentir dores na coluna; quando começou a trabalhar na construção civil, a lombalgia que sentia se transformou em hérnia de disco. Teve que sofrer intervenção cirúrgica por duas vezes para a correção do problema; ainda na construção, o acidente mais grave: caiu de uma laje para outra, quebrou quatro costelas, um corte de grandes proporções na perna, deslocamento da cabeça do fêmur e perfuração em um dos tímpanos. Para este acidente, ficou 1 ano afastado. Depois de se recuperar, caiu novamente, através de um buraco na laje, para a laje inferior. Desta vez, com poucas escoriações, não se afastou do trabalho.

6.3.10 Atendimento médico

A maioria dos trabalhadores, 24,2%, só foi atendida no hospital, seguidos de 21% que não necessitaram de atendimento médico. Foram atendidos no ambulatório da obra e posteriormente levados ao hospital 6,5% dos trabalhadores feridos, enquanto 1,6% só foi atendido no ambulatório da empresa. 1,6% não quis revelar que se machucou e continuou trabalhando (gráfico 19).

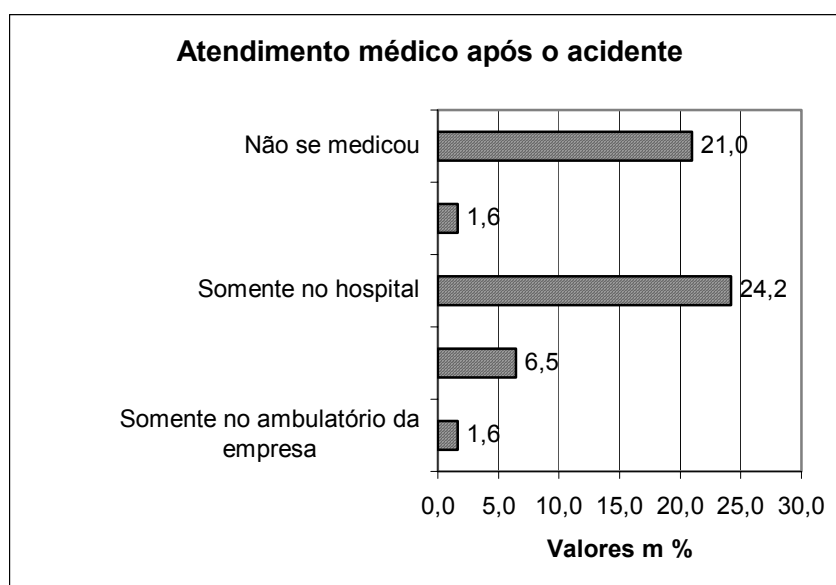


Gráfico 19 – Atendimento médico do trabalhador entrevistado após o acidente.

6.3.11 Afastamento por licença médica

11,3% dos trabalhadores ficaram afastados por licença médica após acidente de 10 a 30 dias, seguidos de 8,1% que não se afastaram, mesmo sendo atendidos em hospital. 6,5% ficaram afastados de 8 a 15 dias, 4,8% ficaram afastados de 1 a 7 dias, 3,2% ficaram afastados de 61 a 180 dias e, por último, ficaram afastados de 180 a 365 dias, 1,6% (gráfico 20).

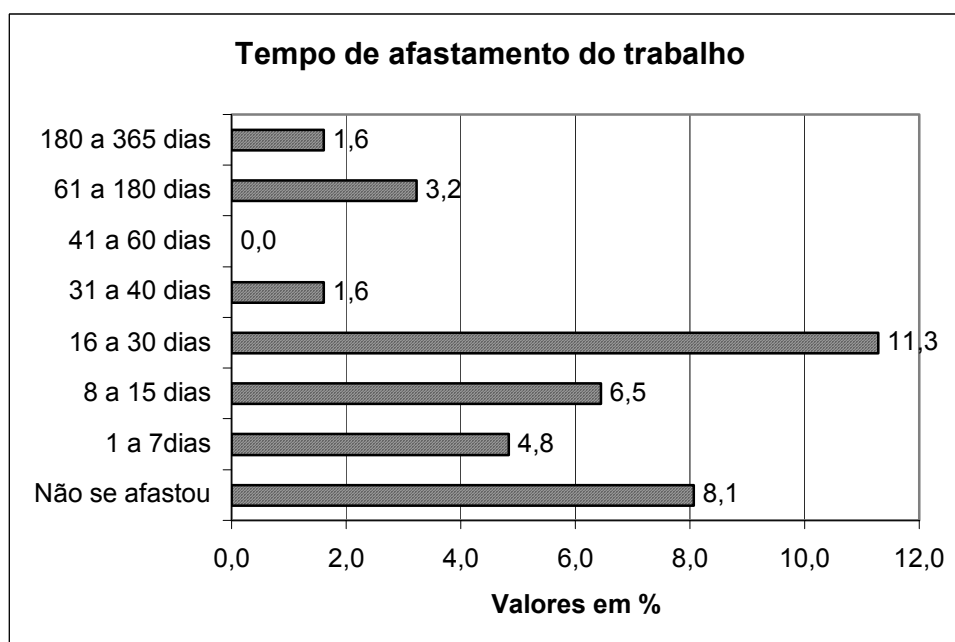


Gráfico 20 – Tempo de afastamento do trabalhador após o acidente/lesão.

6.3.12 Seqüelas decorrentes de acidentes

A maioria dos trabalhadores feridos, 32,3%, não ficou com nenhum tipo de seqüela após ter se recuperado dos acidentes, enquanto 8,1% ficaram com algum tipo de seqüela após a recuperação.

3,1% continua na mesma função após o acidente, sendo que 3,2% mudou de atividade.

6.3.13 Avaliação do mapa de desconforto postural

Uma das solicitações feitas pelo entrevistador ao trabalhador era que este mostrasse a região do corpo que sente algum tipo de dor. Ele deveria indicar isto em um desenho do corpo humano, anexo ao questionário, com áreas previamente mapeadas e separadas por números, que deveriam posteriormente associados a uma tabela junto ao desenho, com os nomes das respectivas região do corpo. O detalhamento deste processo, criado por CORLLET (1995) pode ser visto no capítulo 4, item 4.7. Esta ilustração teve como objetivo complementar a análise da tarefa, filmada e fotografada.

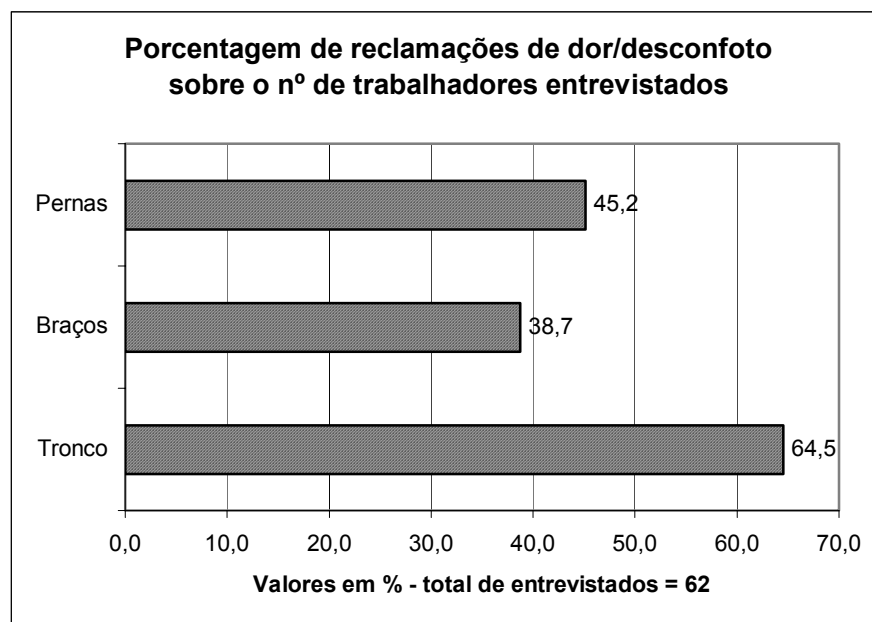


Gráfico 21 – Porcentagem de reclamações de dor/desconforto sobre o número de trabalhadores entrevistados.

Um fato interessante, comentado no item 6.3.7, foi a incoerência dos dados fornecidos pelos trabalhadores. O item 6.3.7 levantou os problemas físicos que os trabalhadores adquiriram na construção civil, sendo que a obtenção destes dados foi feita por meio de pergunta. A prática demonstrou que, aparentemente, este tipo de abordagem intimida o entrevistado, de modo que se sente amedrontado por, possivelmente, achar que seu emprego poderá ser ameaçado.

A aplicação do mapa de desconforto postural foi feita ao entrevistado no fim do questionário, quando, possivelmente, o trabalhador, um pouco mais confiante em relação ao entrevistador, forneceu os dados mais próximos da realidade. A tabela 9 demonstra o resultado, em percentuais, dos dados obtidos na entrevista.

ÁREA DO CORPO	Nenhuma dor / desconforto	Alguma dor / desconforto	Moderada dor / desconforto	Bastante dor / desconforto	Intolerável dor / desconforto	Total %
Pesçoço	1,6					1,6
Região cervical	1,6		1,6			3,2
Costas-superior (osso externo)		1,6	6,5			8,1
Costas-médio		1,6	3,2	1,6	3,2	9,7
Costas-inferior	3,2	9,7	14,5	3,2	3,2	33,9
Bacia			3,2	3,2	1,6	8,1
Ombro esquerdo		4,8	4,8			9,7
Ombro direito		3,2	6,5			9,7
Cotovelo esquerdo			1,6			1,6
Cotovelo direito			1,6			1,6
Antebraço esquerdo		1,6				1,6
Antebraço direito		1,6				1,6
Punho esquerdo		1,6	1,6			3,2
Punho direito	1,6	3,2	1,6			6,5
Mão esquerda			1,6			1,6
Mão direita			1,6			1,6
Coxa esquerda				1,6		1,6
Coxa direita				1,6		1,6
Joelho esquerdo		3,2	6,5	1,6	3,2	14,5
Joelho direito		3,2	6,5	3,2	1,6	14,5
Panturrilha esquerda		1,6			1,6	3,2
Panturrilha direita		1,6			1,6	3,2
Tornozelo esquerdo					1,6	1,6
Tornozelo direito					1,6	1,6
Pé esquerdo					1,6	1,6
Pé direito					1,6	1,6

Tabela 9 – Resultado da escala de desconforto postural aplicada aos trabalhadores entrevistados. Os dados mais relevantes estão grifados. Os percentuais de cada item foram calculados sob n° de entrevistados (62).

ÁREA DO CORPO	IDADE DO TRABALHADOR EM %					TOTAL %
	18 a 20	21 a 29	30 a 39	40 a 49	50 em diante	
Pescoço			1,6			1,6
Região cervical			1,6	1,6		3,2
Costas-superior		3,2	3,2	1,6		8,1
Costas-médio		1,6	3,2		4,8	9,7
Costas-inferior	3,2	6,5	8,1	11,3	4,8	33,9
Bacia			4,8	1,6	1,6	8,1
Ombro esquerdo	1,6		4,8	1,6	1,6	9,7
Ombro direito		1,6	4,8	1,6	1,6	9,7
Cotovelo esquerdo					1,6	1,6
Cotovelo direito					1,6	1,6
Antebraço esquerdo					1,6	1,6
Antebraço direito					1,6	1,6
Punho esquerdo		1,6		1,6		3,2
Punho direito	1,6	1,6	3,2			6,5
Mão esquerda			1,6			1,6
Mão direita			1,6			1,6
Coxa esquerda			1,6			1,6
Coxa direita					1,6	1,6
Joelho esquerdo	1,6	1,6	3,2	3,2	4,8	14,5
Joelho direito	1,6	1,6	3,2	3,2	4,8	14,5
Panturrilha esquerda			1,6	1,6		3,2
Panturrilha direita				1,6	1,6	3,2
Tornozelo esquerdo			1,6			1,6
Tornozelo direito					1,6	1,6
Pé esquerdo			1,6			1,6
Pé direito					1,6	1,6

Tabela 10 - Resultado da escala de desconforto postural aplicada aos trabalhadores entrevistados de acordo com a idade. Os dados mais relevantes estão grifados. Os percentuais de cada item foram calculados sob nº de entrevistados (62).

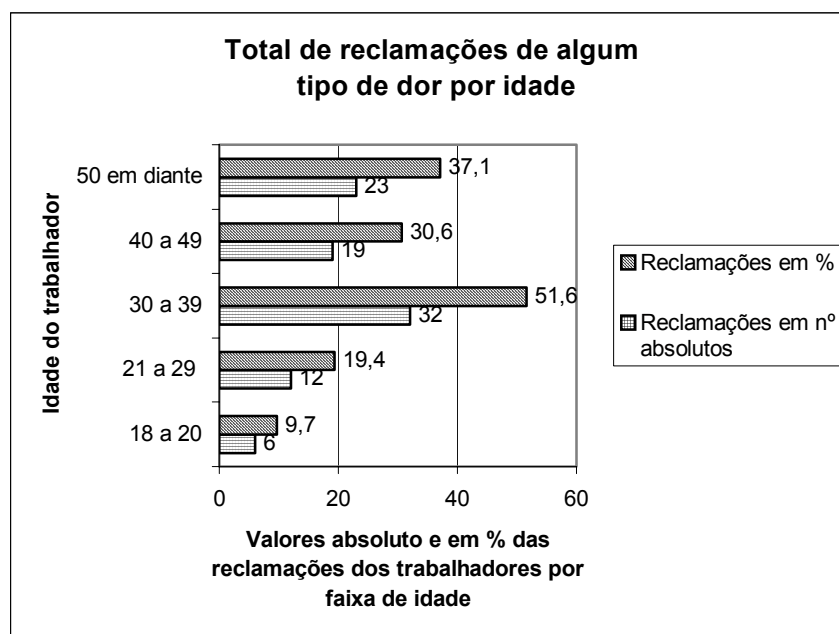


Gráfico 22 – Quantidade de reclamações de algum tipo de dor do trabalhador por faixa de idade.

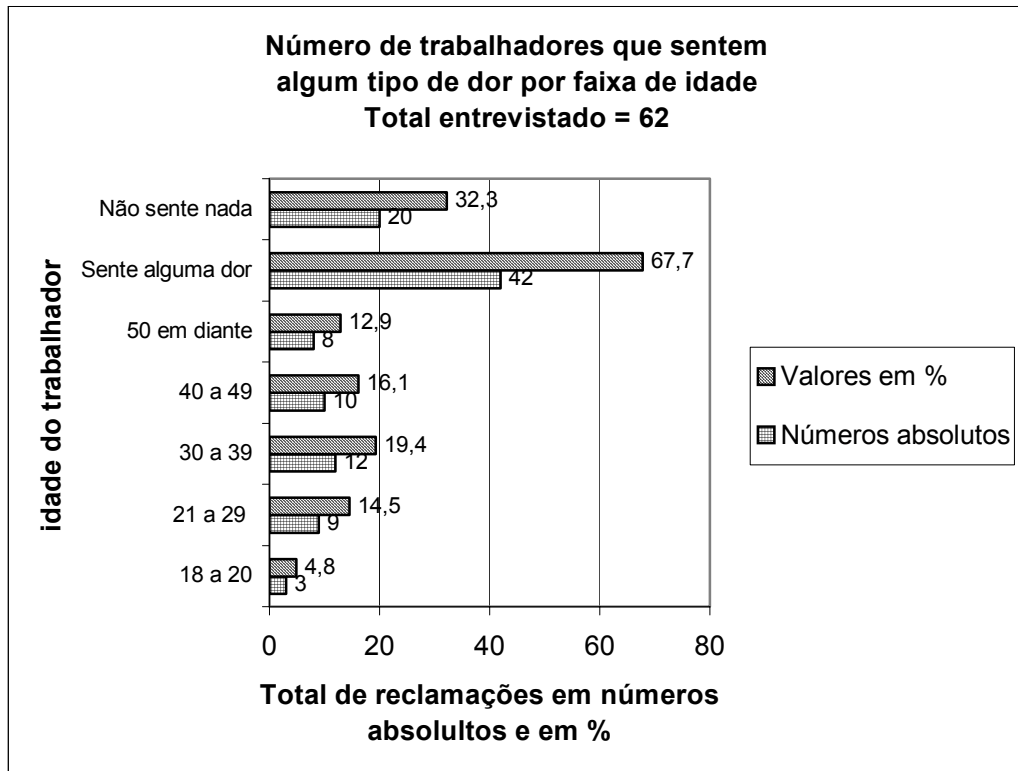


Gráfico 23 – Quantidade de trabalhadores que sentem algum tipo de dor por faixa de idade

A tabela 10 demonstra o resultado da tabela de desconforto postural de acordo com a idade dos trabalhadores. Como se vê, os trabalhadores na faixa de 40 a 49 anos sofrem mais com dores na região costas-inferior, com 11,3% dos entrevistados; a outra fonte de reclamações vem dos joelhos, tanto direito como esquerdo, dos trabalhadores na faixa de 50 anos em diante, com 4,8% de reclamações em ambos.

Entretanto, a categoria de idade na faixa de 30 a 39 anos foi a que mais contabilizou dores no geral, com 51,6% das reclamações em relação ao total de entrevistados, como mostra o gráfico 22, seguidos da faixa de 50 anos em diante, com 37,1%. A classe que menos sofreu com as dores, foram os jovens, na faixa de 18 a 20 anos, com 9,7%

O gráfico 23, mostra o número de trabalhadores que reclamou alguma dor ou desconforto em relação ao total de entrevistados. No total, 67,7% sentiu algum tipo de dor, enfatizando a faixa de idade 30 a 39 anos, com 19,4% dos trabalhadores entrevistados como a que mais reclamou de dores.

Enquanto no item 6.3.7 o trabalhador mencionava as dores na coluna, com o total de 11,3% dos casos, como uma das enfermidades causadas pela construção civil, ao se expor a ele a figura do corpo humano, este item subiu para 43,6%, sendo o item com maior número de reclamações por parte dos trabalhadores. Subdividindo este item, em acordo com o mapa de CORLETT (1995), o item costas-inferior, ficou em primeiro lugar, com 33,9%, seguido de costas-médio, com 9,7% (ver gráfico 24).

A segunda maior fonte de reclamações de dores, foram as pernas, com 41,8%. Em seguida, foram as dores no peito, com 14,5%. Embora o mapa de CORLETT (1995) apresente o corpo humano de costas, os trabalhadores indicaram a região como peito. As dores a que se referiram se localizaram no osso externo.

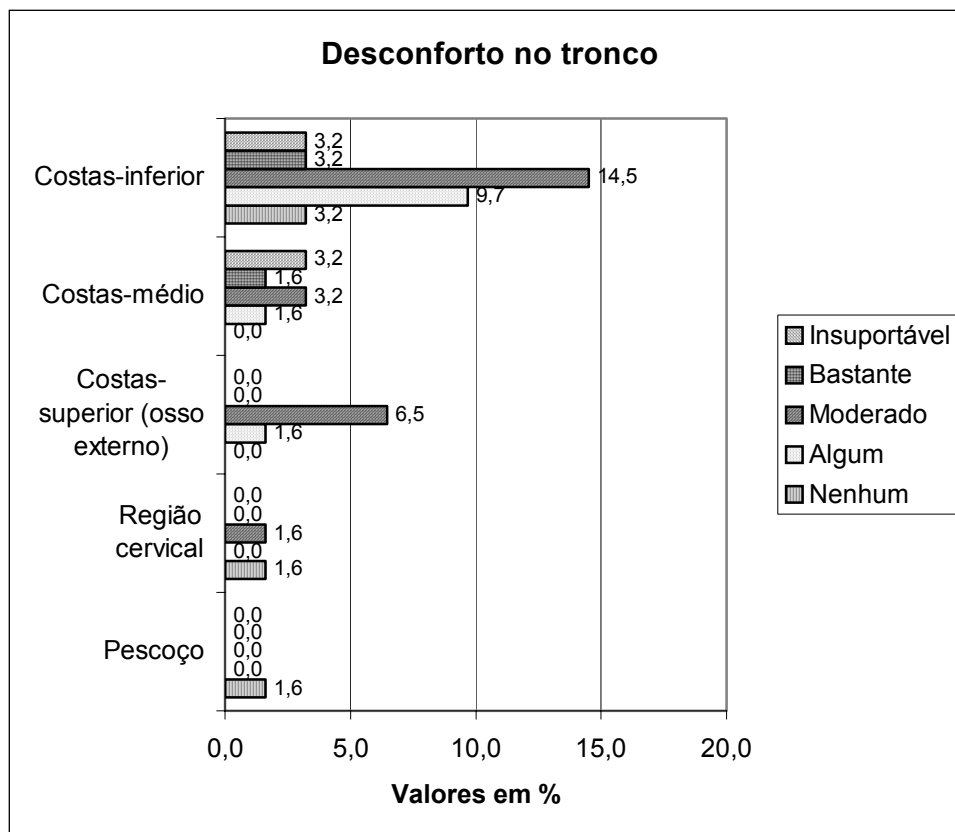


Gráfico 24 – Resultados da avaliação postural na região do tronco dos trabalhadores entrevistados

As dores no punho direito ficaram com 6,5% e punho esquerdo com 3,2%, sendo este o único item em que houve diferença em relação ao lado oposto do corpo. Embora não haja dados oficiais, pode-se supor que boa parte dos trabalhadores eram

destros. Isto explicaria a maior incidência de lesões no punho direito. Mas este dado não pode ser contabilizado, por não ter sido incluído no questionário exposto ao trabalhador. Os gráficos 25 e 26 expõem a avaliação para desconforto, respectivamente, dos braços esquerdo e direito.

Em relação ao grau de desconforto, nas costas-inferior, a dor moderada, correspondente ao nível 3 da tabela de CORLLET (1995). Nas costas-médio, a dor moderada, nível 3 e a dor insuportável, nível 5, ficaram com 3,2% cada uma.

As dores na perna – correspondentes aos joelhos-, itens 20 a 21 na tabela de desconforto postural, foram moderadas, com nível 3 em 6,5% dos casos.

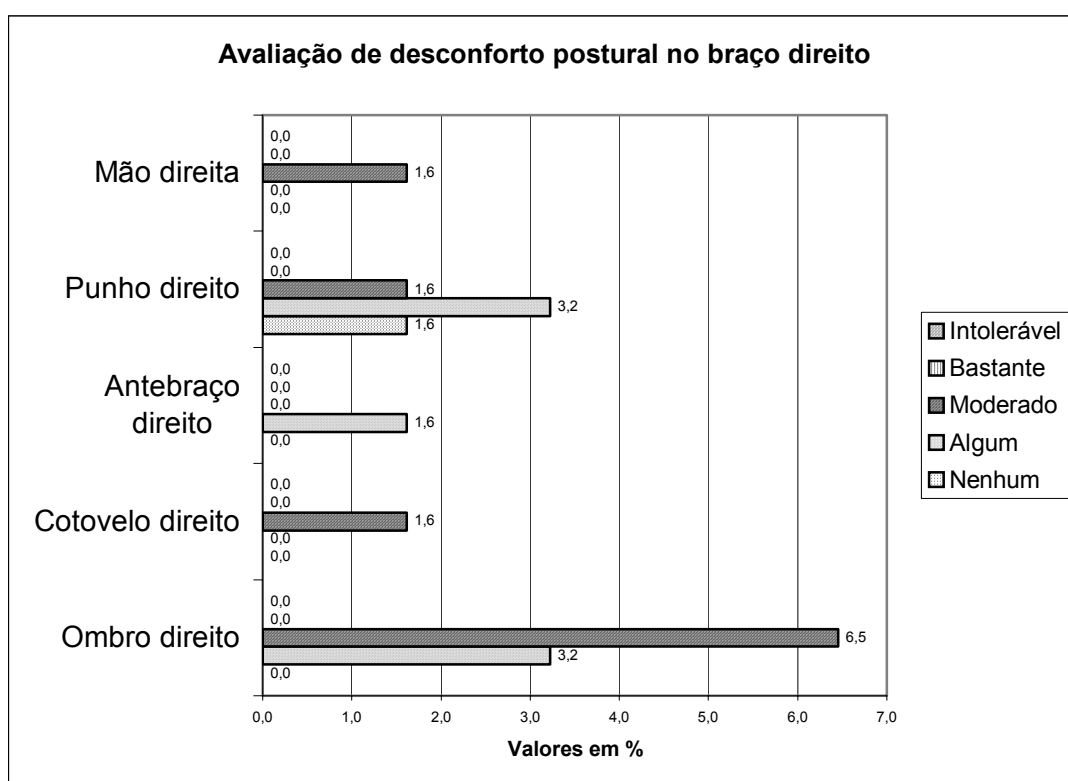


Gráfico 25 – Avaliação do grau de desconforto do braço direito do trabalhador entrevistado

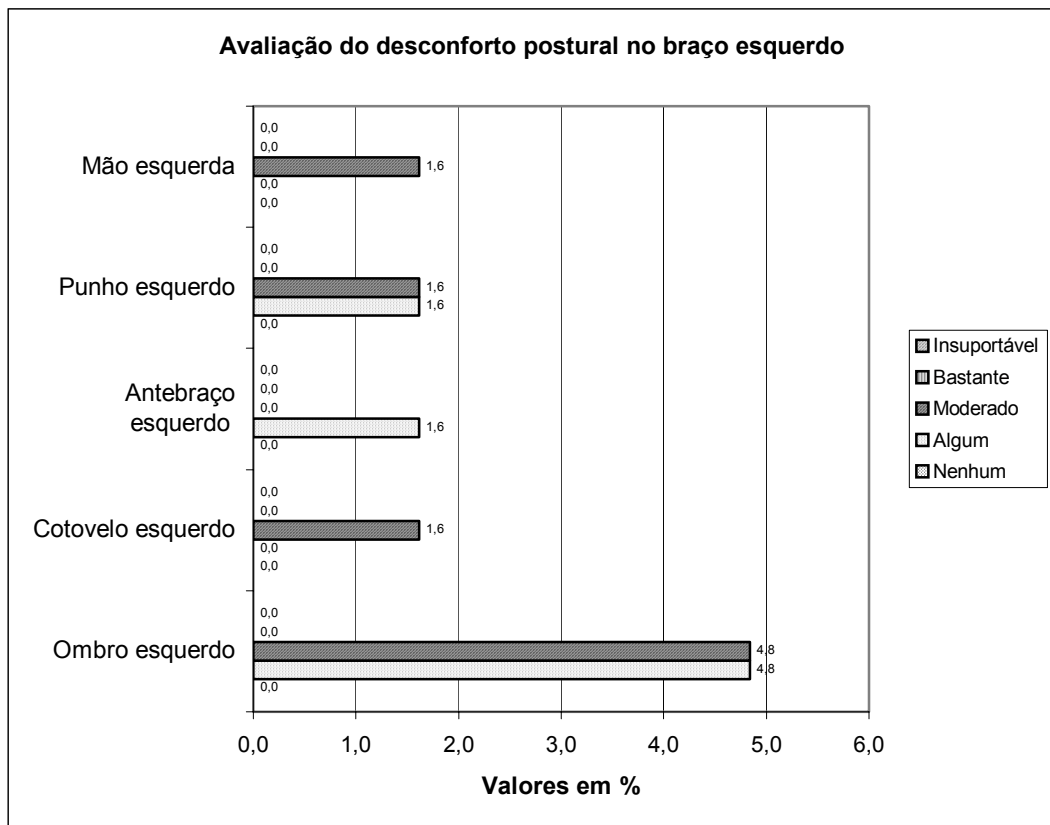


Gráfico 26 - Avaliação do grau de desconforto do braço direito do trabalhador entrevistado

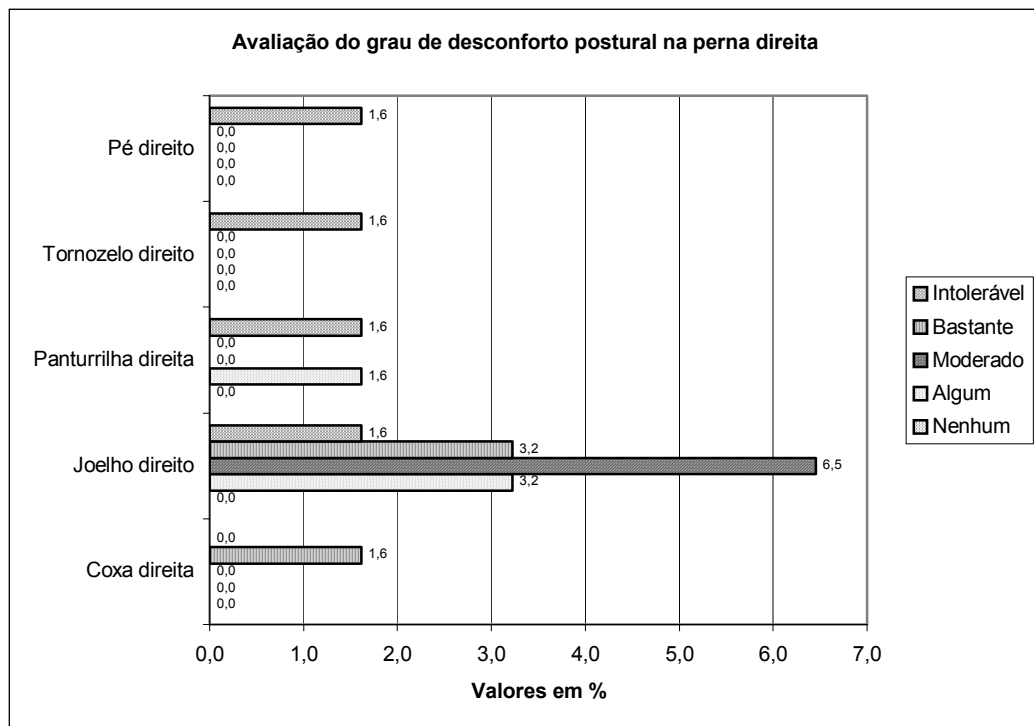


Gráfico 27 - Avaliação do grau de desconforto na perna direita do trabalhador entrevistado.

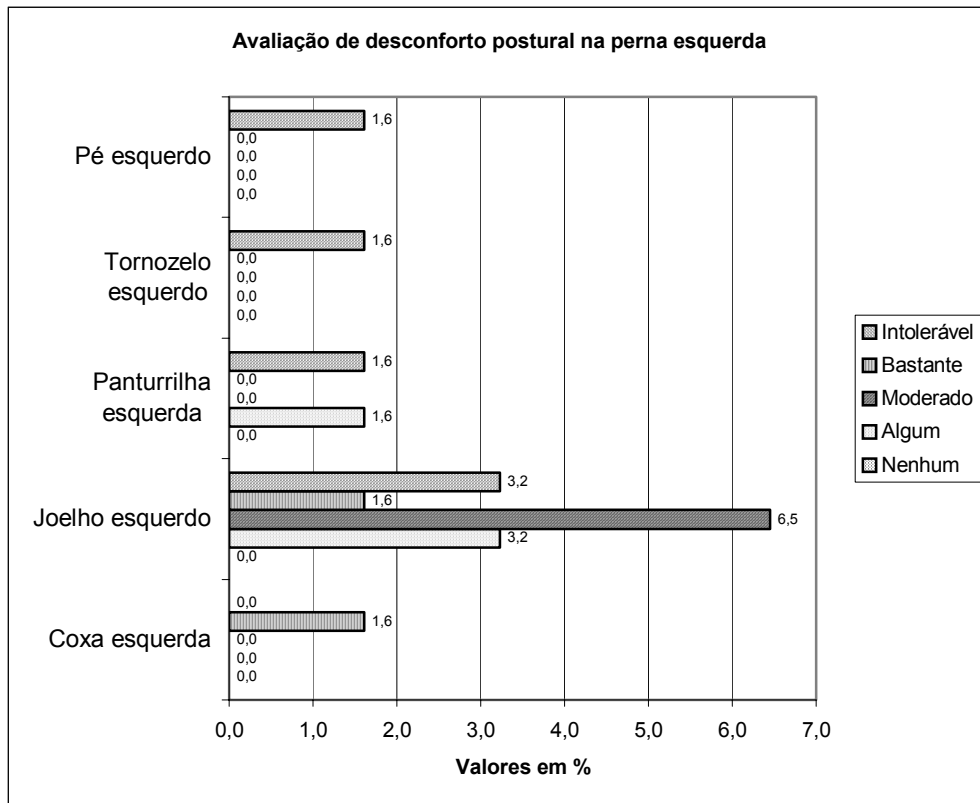


Gráfico 28 - Avaliação do grau de desconforto na perna esquerda do trabalhador entrevistado.

Já as dores nas pernas, nos itens 27 e 28 – correspondentes a região da panturrilha, com alguma dor, nível 2, e dor insuportável, nível 5 da escala de desconforto postural, ficaram com 1,6%. Os gráficos 29 e 30 ilustram melhor as reclamações dos entrevistados.

As dores na perna, itens 24, 25, 26 e 27 na escala de desconforto postural, referentes, respectivamente aos tornozelos e pés, receberam nível 5, dor insuportável por 6,45% dos trabalhadores. Este item é o único que somente recebeu avaliação insuportável. Uma provável explicação é o tempo que o trabalhador permanece agachado, fato observado nas posturas avaliadas pelo método OWAS, e a quantidade de vezes que tem de subir e descer as escadas carregando peso.

6.3.14 Sugestões do trabalhador para melhorar a atividade

Quando indagado sobre o que poderia ser feito para melhorar a sua atividade, 33,9% dos trabalhadores emitiram sua opinião. Em primeiro lugar, 16,1% comentaram que o equipamento poderia ser mais leve; em segundo, empatados com 4,8%, foram as sugestões para instalação de grua (guindaste) para auxiliar a montagem, melhoria no equipamento e aumento de salário. O gráfico 29 ilustra melhor o resultado.

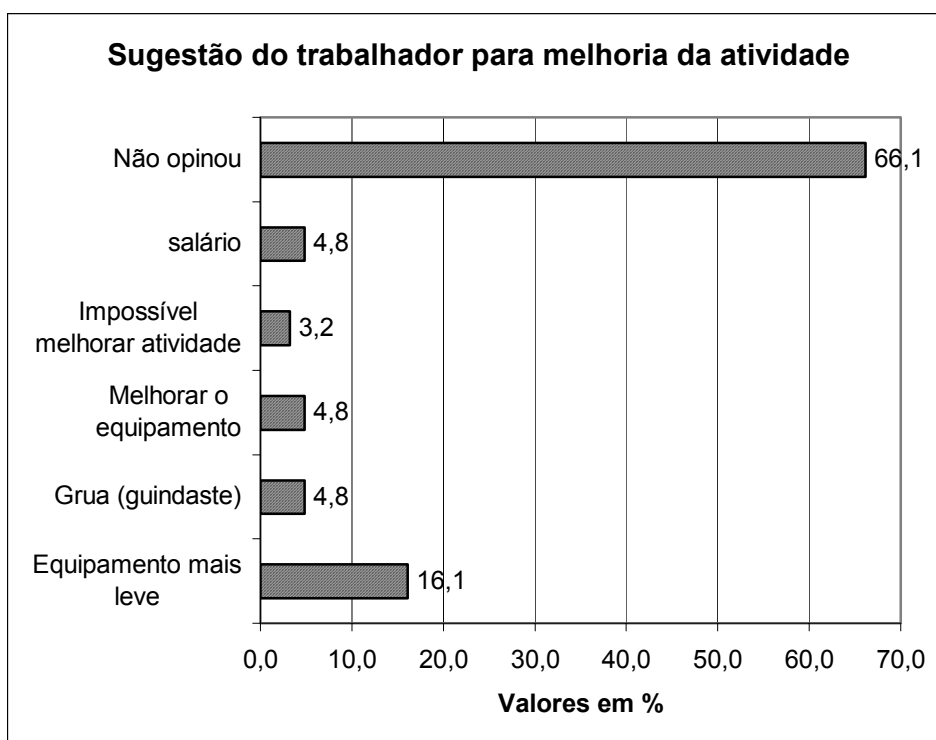


Gráfico 29 – Opinião emitida pelo trabalhador entrevistado sobre o que poderia ser melhorado em sua atividade.

Os pessimistas, com 3,2% acharam impossível melhorar qualquer coisa na obra, por acharem que da maneira que está não há como mudar nada.

6.3.15 Opinião do trabalhador sobre a entrevista

Embora não haja declarações contundentes, 87,1% (ver gráfico 30) emitiram sua opinião sobre a pesquisa, sendo que 9,7% fizeram os seguintes comentários:

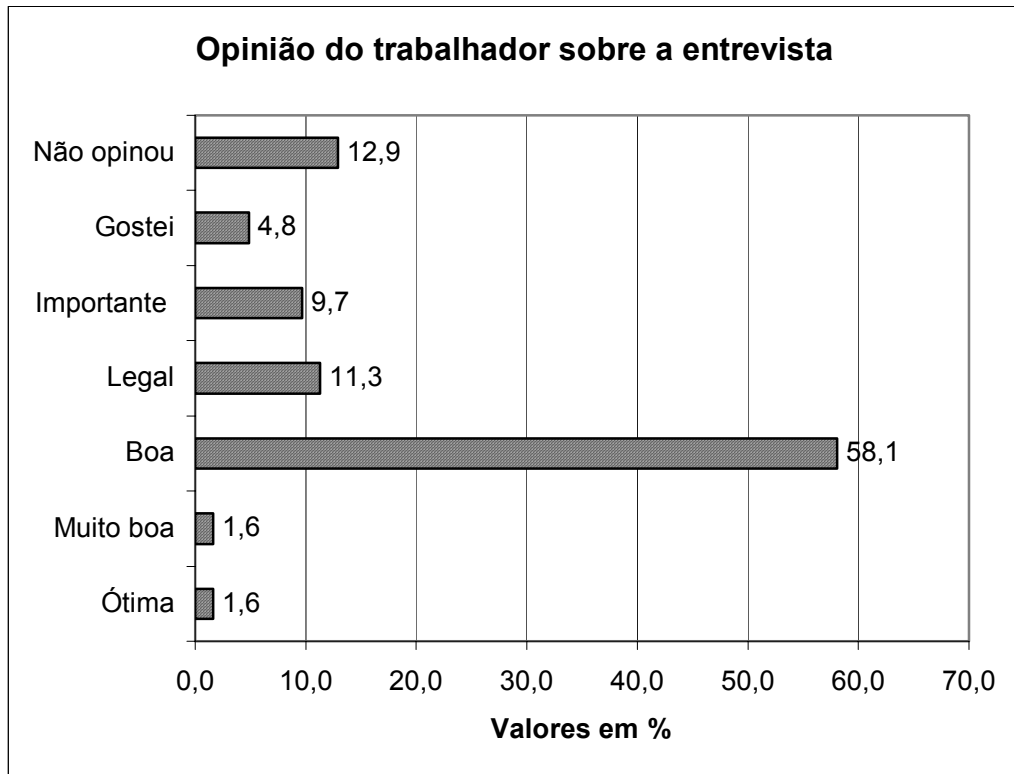


Gráfico 30 – Opinião dos trabalhadores sobre o que acharam da entrevista.

Trabalhador 1: *“É boa porque procura saber como é a vida do funcionário nas obras”;*

Trabalhador 2: *“É bom se preocupar com nosso trabalho porque pode ajudar na melhoria de minha função”;*

Trabalhador 3: *“Boa para tomar ciência dos fatos”;*

Trabalhador 4: *“Pode auxiliar em possíveis melhorias no desempenho das tarefas”;*

Trabalhador 5: *“Tem sentido, pois poderia auxiliar na melhoria do desempenho de nossa função”;*

Trabalhador 6: *“É bom porque melhora a situação da gente no trabalho”.*

Quanto aos outros trabalhadores, preferiram não emitir nenhum comentário, mas classificaram como “legal”, 11,3%; como “importante”, 9,7%; como “gostei”, 4,8% e, por fim, como “ótima” e “legal” 1,6% respectivamente.